

VOZES NEGRAS FEMININAS NA LITERATURA DE RESISTÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ / FAPERJ / CNPq)

Resumo: A presente comunicação traz reflexões e convergências em torno de pesquisas em curso, mantendo foco sobre duas escritoras negras contemporâneas: a nigeriana Chibundu Onuzo e Leonora Miano, nascida em Douala, Camarões. Entre os diferentes pontos de intercessão encontrados em suas obras nos ocuparemos especialmente da questão das migrações como tema fulcral da realidade pós- e decolonial de seus textos como defesa da literatura diante dos desafios do capital global e, como não poderia deixar de ser, de como abordam a questão das mulheres no mundo de hoje. Oriundas da África de hoje, são ambas, exemplos do papel das mulheres na literatura de resistência contemporânea.

Palavras-chave: Literatura Feminina; África; Contemporaneidade; Chibundu Onuzo; Leonora Miano

A presente comunicação traz reflexões e convergências em torno de pesquisas em curso, mantendo foco sobre duas escritoras negras contemporâneas: a nigeriana Chibundu Onuzo e Leonora Miano, nascida em Douala, Camarões. Entre os diferentes pontos de intercessão encontrados em suas obras nos ocuparemos especialmente da questão das migrações como tema fulcral da realidade pós- e decolonial de seus textos como defesa da literatura diante dos desafios do capital global e, como não poderia deixar de ser, de como abordam a questão das mulheres no mundo de hoje. Chibundu Onuzo e Leonora Miano são pouco conhecidas no Brasil, apesar de aqui já terem estado. Oriundas da África de hoje, são ambas, exemplos do papel das mulheres na literatura de resistência contemporânea, bem no espírito do quilombo, autoras que tiveram – de formas variadas - suas vidas transformadas pela literatura e vice-versa, como tantos exemplos em nosso próprio país (Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral). Duas filhas da diáspora africana, trabalham a identidade negra fora de África. Discutem, pensam, refletem sobre o significado na sociedade contemporânea elaborando pensamento sobre seus próprios fazeres literários e sobre o impacto deles sobre os outros.

Como pano de fundo teórico, seguirei, além de outro/as, claro, particularmente as pensadoras Martha Nussbaum e Gayatri Spivak, a partir de ênfase em suas respectivas obras *Not for profit: why democracy needs the humanities* e *An aesthetic education in the era of globalization*, além da romancista nigeriana Chimamanda Adichie, em seu ensaio *We should all be feminists*.

Chibundu Onuzo nasceu na Nigéria, em 1991 e está no Reino Unido desde 2005. Precoce, começou a escrever aos dez anos de idade, aos dezessete iniciava a escrita de

seu primeiro livro, aos dezoito contratou um agente literário, e, aos dezenove, tornava-se a mais jovem mulher a publicar com a gigante editora britânica Faber & Faber, ao assinar contrato para a edição de seu primeiro romance, *The Spider King's Daughter*, que seria publicado aos vinte e um. Aclamado pela crítica internacional, o livro de imediato transformou-a em fenômeno editorial totalmente fora da trajetória em geral seguida pela maioria das mulheres, tal como em geral sabido, e apontado com dados, pela organização estadunidense *VIDA: Women in Literary Arts*, que, através do anuário *The Count*, contabiliza o número de homens e mulheres publicados ou que tiveram suas obras resenhadas por cadernos, jornais e revistas literárias de renome. Quanto a esses dados Chibundu Onuzo constituía um nome invejável e absolutamente fora do padrão.

No romance Onuzo apresenta uma reflexão sobre a paixão, na verdade, uma transposição do clássico *Romeu e Julieta* para a caótica Lagos contemporânea. Na verdade, *The Spider King's Daughter*, é parte de um contrato de dois livros com a famosa editora e mostra a relação que se desenvolve a partir do encontro, nas ruas desordenadas de Lagos, cidade mais populosa da Nigéria, entre um vendedor ambulante pobre e uma menina rica. Desde o seu lançamento, em março de 2012, o livro recebeu diversas críticas: o jornal *The Times* o descreve como "um escuro, tenso, emocionante primeiro romance, exibindo diversas camadas da sociedade nigeriana"; o *The Observer* o chama de "um energético thriller de estreia"; e o *Financial Times* escreve "há floreios promissores que chamam a atenção". Em outras partes do mundo, o *The Strait Times*, de Cingapura, descreve o livro como um "conto de corrupção, vingança e temporalidade, composto por deliciosas camadas", e o *The Times of South Africa* escreve sobre Chibundu, "Caramba! Essa menina tem talento."

Para se ter ideia da extensão do impacto da obra por ocasião de seu lançamento, *The Spider King's Daughter* foi classificado para o *The Desmond Elliott Prize* (desde 2007 o principal prêmio no Reino Unido para jovens ficcionistas), e para o *Prêmio Etisalat para Literatura* (o primeiro prêmio pan-africano a celebrar a estreia de escritores africanos de ficção com obra publicada, desde 2013). Foi ainda indicado para o *Prêmio Dylan Thomas* (para autores de ficção em inglês, com menos de 39 anos), para o *The Commonwealth Book Prize* (prêmio anual, desde 2012, destinado a cidadãos da Commonwealth, com dezoito anos ou mais, e com obra de ficção publicada naquele ano), e venceu um *Betty Trask Award* (destinado a romances de autore/as estreadas, com idade abaixo de 35 anos, residentes em países da Commonwealth).

Com tamanha repercussão o romance teve traduções para o francês, o espanhol,

além de versões na Turquia e na Itália. Chibundu foi apresentada na *CNN*, listada no *Evening Standard* entre o/as potentes 1000 e descrita como uma das mulheres africanas mais realizadoras pelo jornal *The Guardian* do Reino Unido. A partir daí, passou a escrever artigos de opinião para o influente jornal, com interesse especial pela Nigéria, fato sobre cuja relevância passamos a refletir.

Como articulista do *The Guardian*, o que também lhe rende um público leitor cativo, entre ele, a autora deste artigo, Onuzo escreve artigos críticos, sempre relacionados à análise de nosso tempo e às questões coloniais e pós-coloniais, com títulos, à guisa de exemplo, que vão desde *Colonial ruins are a fitting epitaph for the British empire* (*The Guardian*: 02/05/2016), passam por *Welcome to the world of restricted travel, British people* (*The Guardian*: 13/09/2016), a *When are the refugees of Calais too old for kindness?* (*The Guardian*: 22/10/2016) sobre a dramática situação do então ainda existente acampamento de Calais, na França. Neste último, trabalha conceitos e questões linguístico-discursivas da maior relevância para as traduções interculturais:

I moved to England when I was 14. Like many migrants, I moved for the opportunities. My school in Nigeria was excellent, but it was an excellence focused on the sciences. Moving to a British school meant moving to a system that invested as much energy in teaching literature, history and music as it did in teaching maths.

It was a privileged, cushioned move, smoothed by the presence of my mother, who waited a few months for me to settle down. Yet it was still a fraught transition, as all major changes are in a teenager's life. Once arrived, I wanted to go back. The joys of learning about iambic pentameter were no compensation for the weather and the food and the tight cliques of English girls, socially stratified in ways that were incomprehensible to me.

I got over it. I made friends. I learned to tolerate the cold, and grew stoic about the food. What doesn't kill you makes you stronger, and so on.

But I wonder how I would have felt if, on arrival, there had been an official waiting with gloved hands to grasp my chin and peer into my mouth. To pass an x-ray through my molars to determine if I really was 14. To be met with suspicion as I took my first steps into a new country. After all, I was tall for my age, often mistaken for older, sometimes as old as 21.

I would like to note that these children are refugees, not "migrants", as some reports have taken to calling them. At 14 I was a migrant. I had a home to return to, should the Home Office have suddenly revoked my visa. I had a family in Nigeria, a house, food, clothing and so on.

When your home is a bomb crater and you are forced to leave it because of war, you become a refugee. A nine-year-old Syrian child does not reach France unaccompanied because she wants access to the French job market, or better education, or a better healthcare service. She is a

child running for her life. (ONUZO: 2016)

A clareza de Onuzo em seus artigos no *Guardian* nos últimos tempos, reflete a maturidade que vai chegando com a idade e o olhar aterrorizado de alguém que observa as mudanças cruéis na Europa de hoje. Trazendo um aporte teórico para o trecho citado e para tantos outros escritos recentes de Onuzo, observamos que muito de seu olhar caminha do pós- para o decolonial. Mulher, negra, vinda do continente africano, sua escrita e voz em um veículo como o jornal *The Guardian* situam e recolocam preceitos cristalizados para tantos e levam outros a formularem a vida e o mundo sob novos enfoques. De forma brevíssima cabe lembrar que as teorias pós-coloniais foram aquelas que, a partir de nomes referenciais do século XX, tais como Franz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Stuart Hall, e ainda, Michael Foucault e Jacques Derrida, e de tendências do Pós-Modernismo e daquelas desenvolvidas, a partir de 1964, no *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, buscavam identificar, apontar e analisar os efeitos nefastos da relação colonizador / colonizado e da construção representativa do mundo a partir do olhar do colonizador. De qualquer forma, estava mantida a retórica europeia e do Hemisfério Norte, mesmo que a luta fosse para capacitar diferentes formas de discurso histórico a operar fora do paradigma ocidental de ‘História Universal’ (YOUNG: 2004).

Em oposição a isso, pesquisadores da América Latina – e de África – vem buscando desenvolver uma perspectiva discursiva a partir do (Hemisfério) Sul e, assim, a partir dos estudos da *‘decolonialidad’* compreender o modelo hoje dominante no mundo não apenas como poder econômico, mas, também - e especialmente - como capital político, social, cultural e intelectual, e, na questão identitária, avançar ao traçar estratégias de desconstrução do colonizado elaborado tendo por base o discurso do colonizador. Esses são aspectos de que nos fala Onuzo em seu artigo citado.

Como era de se esperar, Chibundu sempre acaba sendo comparada - ou perguntada a respeito - à estrela maior das letras nigerianas na contemporaneidade: Chimamanda Ngozi Adichie. Uma resposta recorrente informa:

It’s obviously a great compliment to be compared to her but objectively, I think our writing styles and subject matter are very different. I can see why people would make the link though. We’re both Nigerian. We’re both women and we both have natural hair. (ONUZO: 2012)

Ou, ainda em 2012, em entrevista bastante divulgada e concedida a Gbenga

Awomodu:

Given Chimamanda Ngozi Adichie's trajectory in the literary world – and many people probably already see you in her mould, do you not sometimes feel pressured to accomplish more than she has done?

Most comparisons between myself and Chimamanda Adichie or any other Nigerian female writer who has an Igbo first name, are quite superficial and have little to do with our writing styles. I admire Chimamanda's work for its vast scope which is paired with an intense detail in execution but the themes we write about are very different because what we find interesting about Nigeria is different because our backgrounds are different and so I can read her work, love it, but not feel any pressure about it. (ONUZO: 2012)

Graduada em História, Chibundu Onuzo atualmente cursa Doutorado em História no *King's College*, em Londres. Mantem viva a esperança de um dia retornar à Nigéria e, com a vivência e compreensão interculturais que vêm acumulando, poder ajudar seu povo de algum cargo público.

Enquanto isso, em meio a cuidados, entrevistas, estudo, artigos, cuidou ainda de seu segundo romance – aquele do contrato com a Faber & Faber. Intitulado *Welcome to Lagos* foi amplamente anunciado no site de livrarias internacionais *online*, tendo sido lançado em 03 de janeiro de 2017. Ou seja, retomando o *setting* de seu primeiro romance – a cidade de Lagos, a maior de seu país natal, assim como a maior do continente africano – a autora volta a chamar atenção para a cidade. Sendo uma das cidades que mais velozmente cresce no globo, é possuidora de uma das maiores aglomerações populacionais do mundo, e vem a ser o centro financeiro da África onde localiza-se um dos maiores e mais movimentados portos do continente.

Em 2014, Chibundu veio ao Brasil para participar da FLUPP - Festa Literária das Periferias, no Rio de Janeiro, naquele ano, ocorrida na Favela da Mangueira. Então participou de mesa redonda que teve oportunidade e felicidade de mediar com outra brilhante autora de origem africana, essa já um pouco mais madura, e detentora de um dos maiores Prêmios literários e de defesa do feminismo – o *Prêmio Femina*. Refiro-me a Leonora Miano, autora de língua francesa, nascida em Douala, Camarões, em 1973.

Ainda em seu país de origem, escreveu suas primeiras poesias aos oito anos de idade. Em 1991, mudou-se para a França, estudando literatura dos Estados Unidos em Valenciennes e Nanterre. Em 2005 publicou seu primeiro romance, *L'intérieur de la nuit*, que lhe valeu uma série de prêmios. O livro, sobre uma jovem africana que volta à

terra natal (um país imaginário chamado *Mboasu*) depois de estudar na França, já traz os temas que marcariam o resto da sua obra: a consciência negra e a diáspora africana. Naturalizou-se francesa em 2008.

Retomando o parágrafo de abertura desta fala quando enunciei as três obras das pensadoras cujo pano de fundo teórico eu seguiria dentro de um quadro amplo, não binário, transdisciplinar, de compreensão expandida dos diferentes conflitos do presente em suas diferentes dimensões, e ainda incorporando enfoques em que se pense ‘a Literatura Comparada enquanto campo da singularidade e inovação’ (SCHMIDT: 2013), por tudo o que Leonora Miano representa hoje, seu papel entre as autoras da diáspora negra é amplamente reconhecido e estudado, inclusive, por acadêmico/as e pesquisadore/as estadunidenses.

Ela foi a primeira escritora de ficção a trabalhar as ditas ‘identidades afropéias’ (*identités afropéennes*), um conceito importante a ser analisado no texto literário. Ao lê-lo, é impossível não se lembrar do Césaire de *Cahier d’un retour au pays natal / Return to my Native Land* (1971). Sendo assim, sim, é francesa, mas veio de África, de um país cujas línguas oficiais são o inglês e o francês, cunhou o referido termo, elaborou-o, formulou-o e pelo escopo da obra, por sua organicidade geral, seu impacto, sua voz e, especialmente por em 2013, tornar-se a primeira autora de origem africana a vencer o *Prêmio Femina*, por seu romance *La saison de l’ombre*, passou a ter um impacto sobre as autoras negras contemporâneas bastante amplo que alcança aquelas que vivem nos países anglófonos. O *Prêmio Femina* é um dos maiores prêmios literários da França, existente desde 1904, e atribuído anualmente a uma obra de ficção. O júri, exclusivamente feminino, é formado por colaboradoras da revista *Femina*.

La saison de l’ombre foi traduzido para o inglês com o título de *Dark Heart of the Night*. Nos cruzamentos de fronteiras, além das línguas formais / ocidentais, em traduções como mediações culturais, impossível não lembrar Joseph Conrad e se perguntar a partir da leitura da obra, qual seria o ‘heart of darkness’ da África, na trama do enredo que coloca as personagens como *outsiders* que retornam e locais. Enfim, um romance de fôlego, com refinado trato dos elementos literários e discursivos.

Autora de doze obras premiadas, Miano foi reconhecida pelo conjunto de seu trabalho com o *Grande Prêmio Literário da África Negra*, por obras sempre marcadas por uma causa em comum - a luta contra o racismo. Em sua dedicação a projetos sobre a diáspora africana, fundou a *ONG Mahogany* em 2010.

Sobre a questão racial e o tema do tráfico de povos escravizados presente em sua

obra de forma original, transcrevemos trecho de entrevista sua em 2013 à revista *Flashmag*:

Flashmag: The theme of the drama of the African facing the West is very recurrent in your work, especially with slavery. Do you think so far that the story told on this phenomenon is not quite correct?

Leonora Miano: I do not write about slavery, but on the transatlantic slave trade. These are two different issues, although related. The colonial slavery is not part of the sub-Saharan memory, whilst trafficking is part of it. (...) It seems to me essential that sub-Saharans speak on this issue of prime concern. (...) I do not ask myself whether the history of the slave trade, as commonly conveyed is correct or not. What concerns me much more is that Sub-Saharans have to tell how events unfolded in their land, and how they lived them. Others speak and say what they feel they need to say. The Sub-Saharan Africa is still shy to make his (her) voice heard, to rehabilitate his (her) resistance and make sense of this complex story that has totally shook him (her). It's his (her) word that I expect now. (MIANO: 2013)

Nesta fala em que acabamos nos dedicando a duas significativas autoras africanas contemporâneas que venceram vários dos desafios apresentados por Chimamanda Adchie em sua obra *We should all be feminists* (2012), gostaríamos de voltar brevemente a ela antes de concluir. Ambas as escritoras, por caminhos diversos, vêm traçando uma nova História intelectual das mulheres negras, ao mergulhar em diferentes questões sob novas formas de escrita e olhar, remodelando as narrativas, sempre sob a ótica feminina:

And when, all those years ago, I looked the word up in the dictionary, it said: *Feminist: a person who believes in the social, political and economic equality of the sexes*. My great-grandmother, from stories I've heard, was a feminist. (...) She refused, protested, spoke up whenever she felt she was being deprived of land and access because she was female. She did not know the word *feminist*. But it doesn't mean she wasn't one. More of us should reclaim that word. (...) My own definition of a feminist is a man or a woman who says, 'Yes, there's a problem with gender as it is today and we must fix it, we must do better.'

All of us, women and men, must do better. (ADCHIE: 2012, p. 47-48)

Ao concluir, retomamos Nussbaum e Spivak. Nossas autoras estudadas, acompanhadas ainda por Chimamanda, com a vivência dos dramas da migração forçada do final do século XX e início do XXI, representantes dessa nova diáspora africana nas terras da França dos refugiados e do antigo Império, revolto, transtornado por tensões internas não resolvidas em meses pós-Brexit, levam-nos de volta a reflexões e a

necessárias leituras interdisciplinares em nosso campo das literaturas de língua inglesa. Colocam-nos diante de problemas e tensões que são de todos e de muitos espaços geopolíticos. Para Nussbaum, qualquer possível estabelecimento social viável hoje passa por um respeito e capacidade de compreensão da vivência e experiência do outro, sem o que não se tem a compreensão da complexidade do mundo de hoje imerso na diversidade e nos conflitos decorrentes dessa falta. Já para Spivak, na obra citada neste capítulo (2010), a partir de ensaios sobre temas variados que passam pelo gênero e pela *world literature*, a partir da obra de diferentes autores, faz renovadas chamadas de atenção ao leitor sobre a urgência social das Humanidades e nesse nicho, sobre o papel fundamental dos estudos literários. De alguma forma, sob algum ângulo – por mais diverso que seja – os estudos literários têm papel definitivo a desempenhar no mundo contemporâneo, especialmente para os que abraçam a literatura comparada como um terreno de não reducionismos ou arraigadas convenções.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, C. N. *We should all be feminists*. New York: Anchor Books, 2012.

CÉSAIRE, A. *Cahier d'un retour au Pays Natal / Return to my Native Land*. Edição bilingue. Préface de André Breton. Paris: Présence Africaine, 1971.

CONRAD, J. *Heart of Darkness*. London: Penguin, 1971.

MIANO, L. *La Saison de l'ombre*. Paris: Grasset, 2013.

_____. *Dark Heart of the Night* (translated by Tamsin Black). Lincoln: University of Nebraska Press, 2010.

NUSSBAUM, M. *Not for profit: why democracy needs the humanities*. New Jersey: Princeton University Press, 2010.

ONUZO, C. *The Spider King's Daughter*. London: Faber & Faber, 2012.

_____. *La hija del rey araña*. Traducción de Carles Roche. Barcelona: Editorial Plataforma Neo, 2013.

_____. *La fille du roi araignée*. Traduit de l'anglais (Nigeria) par Sylvie Schneiter. Paris: Les Escales, 2014.

SCHMIDT, R. T. Pensando a Literatura Comparada enquanto campo da singularidade e inovação. (p. 297- 312) In: BITTENCOURT, R. L. de F. e SCHMIDT, R. T. (Orgs.) *Fazeres Indisciplinados: estudos de Literatura Comparada*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SPIVAK, G. *An aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

YOUNG, Robert. *White Mythologies: writing History and the West*. New York: Routledge, 2004 (2nd ed).

Referências Webgráficas

Chibundu Onuzo: Artigos no jornal britânico *The Guardian*:

When are the refugees of Calais too old for kindness?

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/oct/22/refugees-calais-too-old-kindness-britain>

Acessado em 04/11/2016

Welcome to the world of restricted travel, British people

At: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/13/restricted-travel-british-people-nigerian-visa-passports>

Acessado em 04/11/2016

Colonial ruins are a fitting epitaph for the British empire

At: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/may/02/colonial-ruins-epitaph-british-empire-commonwealth>

Acessado em 04/11/2016

Chibundu Onuzo / Authors / Faber & Faber

At: <https://www.faber.co.uk/author/chibundu-onuzo/>

Acessado em 05/11/2016

Chibundu Onuzo – les traductions

Déjà en cours de traduction en français, en espagnol et en turc, sans doute bientôt en italien...

<http://www.courrierdesafriques.net/2014/11/onuzo-la-nouvelle-voix-de-la-litterature-nigeriane>

Acessado em 31/10/2016

Chibundu Onuzo interviewed by Gbenga Awomodu

Meet Chibundu Onuzo, 21-year-old Author of “The Spider King’s Daughter” - 31.05.2012

At: <https://www.bellanaija.com/2012/05/meet-chibundu-onuzo-21-year-old-nigerian-faber-faber-author-of-the-spider-kings-daughter/>

Acessado em 02/11/2016

Chibundu Onuzo / King’s College Alumni: King's student Chibundu Onuzo on her first novel *The Spider King's Daughter*

At: <http://alumni.kcl.ac.uk/page.aspx?pid=4261>

Acessado em 05/11/2016

Leonora Miano: sur *La saison de l’ombre*

At: <http://www.flashmag.tv/single-post/2013/10/16/Interview-with-Author-Leonora-Miano>

Acessado em 05/11/2016

VIDA: Women in Literary Arts

At: <http://www.vidaweb.org>

Acessado em 03/11/2016.